

Boa noite! Hoje é dia de celebração. Chegamos a mais um encontro sobre AT aqui no Triângulo Mineiro. E estamos lançando nosso primeiro livro “Nas Trilhas do Acompanhamento Terapêutico”. Estou vibrante com a presença de todos vocês: dos que vieram aprender mais, compartilhar experiências e dos nossos amigos e familiares que vieram celebrar os 20 anos da Trilhas. Muito obrigada pela presença! Obrigada também à professora Rosário Ribeiro Avelino, coordenadora do curso de psicologia, e à Faculdade Pitágoras pela acolhida do evento em vossa casa!

No tema deste encontro, “Trajetórias e perspectivas”, sou encarregada de contar a vocês como nos construímos equipe para, em seguida, apresentar-lhes nossa última ousadia inventiva, o livro “Nas Trilhas do Acompanhamento Terapêutico”.

Hanna Arendt nos ensina que “o novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à sua probabilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre aparece na forma de um milagre” (Arendt, 2010, p.222).

Pode-se chamar este novo de um acontecimento. Ou uma sincronicidade. De certa forma, ao olhar para trás, para o nascimento da Equipe Trilhas, percebo este encontro como um acontecimento: uma equipe de Acompanhamento Terapêutico (AT) no interior de Minas Gerais há 20 anos, quando o campo da clínica ampliada na região ainda estava sendo desbravado...

Essa função clínica era quase desconhecida pela grande maioria de profissionais da saúde mental; os intercâmbios com outras equipes ainda eram praticamente inexistentes, se considerarmos que uma das formas principais de acesso à informação hoje — a Internet — estava começando no Brasil.

Ouvi falar em acompanhamento terapêutico só no final de minha graduação. A profissão de professora de inglês, que tive simultaneamente à faculdade, conduzia-me para outras conexões com a psicologia, e o trabalho com a doença mental não era um projeto para depois de formada. Fui interessando-me pelo tema da loucura aos poucos. Numa rápida e intensa visita ao hospital psiquiátrico, nos estudos foucaultianos com o professor Caio Cesar Prochno, nos relatos das colegas

¹ Palestra de abertura do VI Encontro de AT de Uberlândia e região e lançamento do livro “Nas Trilhas do Acompanhamento Terapêutico” em 21/8/2015.

² Psicóloga e Acompanhante Terapêutica. Membro fundadora da Equipe Trilhas. www.trilhasat.com.br

que estagiavam nas oficinas terapêuticas supervisionadas pela professora Maria Lúcia Castilho Romera, nas conversas estimulantes com a turma mais politizada do DA...

Foi um acontecimento. Um acaso. Ou sincronicidade. Não sei bem a hora, nem o local que a ideia surgiu. Acabávamos de sair da UFU e estávamos tentando responder à difícil pergunta destes momentos: “E agora?”. A Ana Paula Scagliarini voltava de sua especialização em psicologia institucional na PUC de Campinas; a Virgínia Gil Hernandez retornava de sua residência na Pinel de Curitiba. Ambas conheciam o trabalho do AT destas cidades e também os estudos que um colega delas já fazia em Uberlândia, o Ricardo Wagner. Assim decidimos convidá-lo para se juntar a nós neste projeto.

Ricardo estava fazendo seu mestrado e aceitou o convite para integrar a equipe. Falou-nos sobre um acompanhante terapêutico paulista muito experiente e aberto para o diálogo, que talvez nos norteasse na construção da equipe. Assim, fizemos nossa primeira “vaquinha”, o dinheiro da passagem (de ônibus!) para uma supervisão com o Maurício Porto. Ricardo também trouxe com ele a primeira aquisição para nosso estudo – o “livro da CASA”, que havia sido lançado há pouco tempo e acredito ser a primeira obra brasileira sobre AT – antes tínhamos somente o “Manual de AT” das argentinas Mauer e Resznisky.

Há 20 anos, o clima nacional era de certo otimismo. O Brasil estava entrando em nova fase econômica, com nova moeda e a esperança de conter inflação. Havíamos saído a pouco tempo de um impeachment presidencial sedimentado pelo povo, os movimentos sociais ganhavam mais força. Muito se ouvia falar da gestão inovadora da saúde mental em Santos e o movimento antimanicomial consolidava-se. A inovadora internet abria possibilidades de uma interação absolutamente inédita com o conhecimento e as relações sociais.

Tínhamos 20 e poucos anos e muita esperança em dias melhores. Estudos, supervisões autodirigidas, uma tímida divulgação para alguns profissionais. Foi assim que começamos. O que nos motivava? Talvez certa inconformidade com um fazer clínico tradicional. Todas nós de alguma forma sonhávamos inovações em nossos scripts profissionais, obviamente estimuladas por alguns professores mais vanguardistas (considero eu): a Maria Lúcia Castilho Romera, o Armando Vieira Barbosa, o Sérgio Kodato, Caio Prochno.

Em todos estes anos, fomos construindo uma configuração grupal que nos possibilitou pensar e agir colaborativamente, desde a chegada dos primeiros pacientes. Aprendemos a reconhecer e a respeitar semelhanças e diferenças no modo de trabalhar, e a aproveitar esta diversidade no fazer clínico.

Desenvolvemos também uma capacidade de nos conectarmos a outros grupos e realizarmos parcerias muito interessantes e proveitosas, algumas breves, outras duradouras: A Casa das Cenas, o

Espaço de Expressões, a Prefeitura Municipal de Uberlândia, o Conselho Regional de Psicologia, a Unimed Araguari, as faculdades da região.

A coletânea de textos que hoje apresentamos a vocês reflete nossa trajetória profissional e é uma colaboração para a prática do AT.

Nessas duas décadas de atendimento a mais de cem pessoas em sofrimento mental, desenvolvemos uma trajetória de pesquisa dialogada com saberes como o Psicodrama, a Música, a Literatura, a Educação, a Psicogeografia (a Deriva), a Gerontologia e a Redução de Danos: campos que se interconectam fundamentalmente com o AT para o aperfeiçoamento constante desse campo da clínica.

Os textos materializam muito da reflexão que fizemos e apresentamos formalmente nesse período. Reflexão esta permeada pela prática constante do acompanhamento, pela atividade docente na capacitação de estudantes e profissionais para tal prática e pela interface com outros saberes.

A primeira parte se desdobra em capítulos que expõem as reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas pela equipe — ilustradas por breves descrições de casos. O *capítulo 1* mostra a relação entre Psicodrama e AT, focalizando um instrumento da metodologia psicodramática: o ego auxiliar. O *capítulo 2* propõe uma sistematização para o at iniciante, estabelecendo balizadores para a avaliação, o contrato e o projeto terapêutico no início do trabalho. O *capítulo 3* trata da potência do AT na inclusão escolar mediante o caso de um aluno de um programa de educação inclusiva que passou pelo acompanhamento. O *capítulo 4* problematiza a família do acompanhando, convidando o at a refletir sobre sua posição nesse grupo à luz dos referenciais da Sociometria e da Teoria dos Sistemas. O *capítulo 5* relata um caso de AT feito com um adolescente com autismo usuário do CAPs, problematizando os desafios do projeto terapêutico e a relação com a equipe de trabalho. O *capítulo 6* discorre sobre o acompanhamento de idosos, propondo quatro analisadores: projeto terapêutico, redes de suporte social, atividades sociais e temporalidade. O *capítulo 7* reflete sobre os desafios da finalização de um acompanhamento de longa duração.

A segunda parte contém quatro capítulos, que problematizam a cidade vivida pelo at e por seu acompanhado. Os capítulos apresentam a cidade como um lócus de produção de novos modos de ver e conviver com a multiplicidade. Assim, a problematização recorre, sobretudo, à noção de Deriva associadamente com relatos de experiências e vivência do AT em atividades de Deriva com alunos e acompanhados.

Duas décadas de trabalho como equipe independente (sem vinculação a nenhum hospital-dia e a nenhum serviço de saúde pública) nos fizeram desenvolver um *modus operandi* peculiar, registrado parcialmente aqui. Mas, ainda que parciais, esperamos que estes registros escritos do nosso trabalho

estimulem o leitor a trilhar novos caminhos no Acompanhamento Terapêutico e numa clínica mais ampliada.

Tivemos incontáveis bons encontros que sempre, de algum modo, potencializaram nosso crescimento e expansão. Sendo impossível agradecer a todos, limito-me a agradecer às pessoas diretamente envolvidas na construção e amadurecimento da equipe:

- Aos nossos familiares e aos nossos amigos, pelo apoio e incentivo em nossos projetos e nossas realizações.

- Aos acompanhantes terapêuticos que estiveram conosco em diferentes etapas: Virgínia Gil Hernandez, Ricardo Wagner Machado da Silveira, Luciana Paranahyba Carvalho, Marta Carvalho. Obrigada pelos tempos de trocas e construções!

- Ao Maurício Porto, por ser um inspirador de um modo de fazer acompanhamento terapêutico ético e respeitoso.

- À Cassilda Borges da Silva, Adriana Andrade, Maria Augusta Silvestre e Sylvania Martins, pelos cuidados e parcerias nas diferentes etapas da equipe!

- Aos nossos alunos e supervisionandos, por sempre nos estimularem e desafiarem a aprender mais.

- E, sobretudo, um agradecimento a cada cliente por nos possibilitar desenvolver nosso papel profissional a cada saída e a cada troca afetiva.

- Deixo também um agradecimento especial às pessoas diretamente envolvidas na produção do livro: Edinan Silva, Eduardo Warpechowski, Sr. Edir Scagliarini e Sra. Irene Affiune Scagliarini, Gráfica e Editora Composer.

A Equipe Trilhas nasceu, tem crescido e sobrevivido aqui no interior de Minas Gerais. A amizade, a hospitalidade, a reflexão são expressões potentes que norteiam nosso trabalho cotidiano. Estamos sempre pensando em redes, em laços e promovendo encontros. Por isto escolhi terminar esta apresentação com alguns registros do fundo do baú mostrando alguns momentos da equipe nos encontros científicos que promovemos nestes anos, e também de alguns projetos e parcerias. Enquanto vocês vêem as fotos, convido-os a escutarem uma música chamada “Notícias do Brasil”, de um dos meus cantores e compositores preferidos, o Milton Nascimento. Em 1981, no disco Caçador de Mim, ele e Fernando Brant compuseram esta música, que nos convida a olhar o interior do país e lembrar sua contribuição para o desenvolvimento cultural. Sim, tem gente boa espalhada por este Brasil!

Obrigada!